



UNIVERSIDADE FEDERAL DA PARAÍBA
CENTRO DE EDUCAÇÃO
CURSO DE PSICOPEDAGOGIA

Amanda Laurentino Rocha

**A RELAÇÃO DA LINGUAGEM E OS PROCESSOS DE APRENDIZAGEM
NO COTIDIANO ESCOLAR**

Orientadora: Prof^ª. Dr^ª. Mariana Lins de Oliveira

JOÃO PESSOA

2018

AMANDA LAURENTINO ROCHA

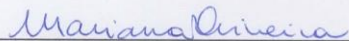
A RELAÇÃO DA LINGUAGEM E OS PROCESSOS DE APRENDIZAGEM NO
COTIDIANO ESCOLAR

Trabalho de Conclusão de Curso apresentado ao curso de Bacharelado de Psicopedagogia do Centro de Educação da Universidade Federal da Paraíba, como requisito parcial para a obtenção do grau de Bacharel em Psicopedagogia.

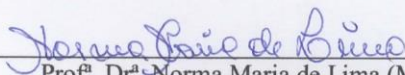
Orientadora: Profª. Drª. Mariana Lins de Oliveira

Aprovado em: 15 / 06 / 2018.

BANCA EXAMINADORA



Profª. Drª. Mariana Lins de Oliveira (Orientadora)
Universidade Federal da Paraíba



Profª. Drª. Norma Maria de Lima (Membro)
Universidade Federal da Paraíba

Catálogo na publicação
Seção de Catalogação e Classificação

R672r Rocha, Amanda Laurentino.
A RELAÇÃO DA LINGUAGEM E OS PROCESSOS DE APRENDIZAGEM
NO COTIDIANO ESCOLAR / Amanda Laurentino Rocha. - João
Pessoa, 2018.
40 folhas.

Orientação: Profª Drª Mariana Lins de Oliveira.
Monografia (Graduação) - UFPB/CE.

1. Linguagem sociocultural. 2. Dificuldades de
aprendizagem. 3. Cotidiano escolar. I. Oliveira, Profª
Drª Mariana Lins de. II. Título.

UFPB/BC

RESUMO

O objetivo geral deste estudo foi compreender e refletir como se dá a percepção dos professores e dos alunos sobre a relação da linguagem e os processos de aprendizagem no cotidiano escolar, a partir de uma perspectiva sociocultural e especificamente, conhecer a relação entre alunos e professores do ensino médio de escola pública, bem como compreender de que forma os possíveis desafios encontrados nas relações entre estudantes e professores interferem na aprendizagem daqueles. Por fim, investigar as consequências que o conflito de linguagens no meio institucional pode causar para os professores e alunos nos processos de ensino-aprendizagem. Pode-se observar, de maneira marcante, que o sujeito tem sua vida completamente atrelada ao meio sociocultural no qual está inserido. Neste meio, é possível observar a linguagem como ferramenta presente e imprescindível para o desenvolvimento do indivíduo, seja no âmbito ideológico, interativo ou histórico. Tal movimento associado à linguagem envolve o ser humano dentro e fora do âmbito escolar. Assim, compreendemos que a identidade do sujeito é construída a partir da cultura e da linguagem. Portanto, no âmbito escolar, os professores e os alunos constroem tal concepção partindo do contexto sócio-histórico-cultural em que eles vivem. O presente estudo tratou-se de uma pesquisa exploratória e descritiva, de natureza transversal e do tipo pesquisa de campo, que se utilizou de análises qualitativas. Para a construção e realização desta pesquisa foram utilizados dois roteiros de entrevistas semiestruturadas com uma parte sociodemográfica inclusa, um para os professores e outro para os alunos. A pesquisa contou com a participação de alunos e professores do ensino médio de uma escola pública. Com os dados obtidos nesse estudo, permitiu-se ter um olhar mais aguçado voltado para os desafios e barreiras que podem ser encontrados nas relações entre os alunos e os docentes acerca da compreensão da linguagem. Diante disso, poder encontrar meios de intervenção a fim de que esses impecílios não interfiram nos processos de aprendizagem dos jovens em formação.

Palavras-chave: Linguagem sociocultural. Dificuldades de aprendizagem. Cotidiano escolar.

1 INTRODUÇÃO

Pode-se observar, de maneira marcante, que o sujeito tem sua vida completamente atrelada ao meio sociocultural no qual está inserido. Neste meio, é possível observar a linguagem como ferramenta presente e imprescindível para o desenvolvimento do indivíduo, seja no âmbito ideológico, interativo ou histórico. Segundo Ferreira e Lima (2008), tal movimento associado à linguagem envolve o ser humano dentro e fora do âmbito escolar. Mas é fato que a linguagem diferencia-se dependendo do meio no qual o sujeito se insere. Os inúmeros contextos onde se constrói e se desenvolve a linguagem têm sido alvo de estudos diversificados como aspectos familiar, geográfico e os sócio-histórico-culturais. Diante disso, entende-se que é na linguagem, que está inserida toda uma história adquirida através das experiências vividas pelo indivíduo, sendo esta, uma percepção característica do ser humano. Este aspecto se apresenta como uma linha de significados que lança o sujeito no mundo.

Assim, compreende-se que a identidade do sujeito é construída a partir da cultura e da linguagem. Desse modo, esse aspecto é de suma importância para a construção da concepção de mundo dos seres humanos. Portanto, no âmbito escolar, os professores e os alunos constroem tal concepção partindo do contexto sócio-histórico-cultural em que eles vivem.

De acordo com Teixeira (1996, p. 184), “A linguagem é um fenômeno plural”, em que é percebida a dinâmica interativa do indivíduo no meio em que ele se encontra, assim como o desenvolvimento cognitivo neste meio sociocultural. Desta maneira, não se pode interpretar o fenômeno da interação linguística como dissociada da sociedade, visto que ambas se configuram em um processo concomitante. Segundo o que pode ser observado em Orlandi (2001), o ser humano não se apropria da linguagem num movimento individual. A forma dessa apropriação é social e nela se reflete o jeito como o indivíduo o fez, ou seja, sua interpretação ideológica. No ambiente escolar os estudantes não hesitam em utilizar a linguagem na qual reflete a comunicação comum que existe entre eles, sendo esta uma linguagem própria (informal, jovial e com gírias), e consequentemente, de quem são, seja de qual realidade for.

A relação da linguagem e os processos de aprendizagem no cotidiano escolar a partir de uma perspectiva sociocultural pode se dar de modo que os alunos se encontram em processo de formação de identidade, sendo a comunicação parte desta construção que pode causar efeitos no aprendizado. Outra possível hipótese é que a relação da linguagem e os processos de aprendizagem no cotidiano escolar a partir de uma perspectiva sociocultural pode se dar devido à mudanças de geração para geração, sendo um fator que dificulta o rápido acesso ao conhecimento na aprendizagem. Ou ainda, pode-se refletir sobre a relação da linguagem e os

processos de aprendizagem no cotidiano escolar a partir das distintas linguagens (professor *versus* aluno) entrarem em conflito e por isso pode dificultar a interação comunicativa entre eles no meio institucional. Com isso, pode-se indagar: *qual a percepção dos professores e dos alunos sobre a relação da linguagem e os processos de aprendizagem no cotidiano escolar, a partir de uma perspectiva sociocultural?*

Esta pesquisa teve como relevância pessoal a questão do interesse e prazer pelo estudo do tema e pelas questões socioculturais ligadas à educação, bem como planos para trabalhar com essa problemática em sala de aula posteriormente, visto que é de grande importância para o enriquecimento da formação profissional na área da Psicopedagogia, juntamente com os conhecimentos adquiridos anteriormente no curso. Também possuiu como relevância social a contribuição do conhecimento e conscientização da sociedade acerca das diversas influências na qual a linguagem a partir de uma perspectiva sociocultural pode causar aos indivíduos em diferentes posições e a relação que isso tem com a educação nas escolas, bem como ajudar a minimizar as dificuldades de aprendizagem. No que diz respeito à relevância científica acadêmica, o tema discutido nesse estudo necessita de uma maior ênfase em artigos científicos, estudos e debates à respeito da linguagem como fator histórico, social e cultural atrelada à educação nas escolas.

Diante deste contexto, o objetivo geral deste estudo foi compreender e refletir como se dá a percepção dos professores e dos alunos sobre a relação da linguagem e os processos de aprendizagem no cotidiano escolar, a partir de uma perspectiva sociocultural e especificamente, conhecer a relação entre alunos e professores do ensino médio de escola pública, bem como compreender de que forma os possíveis desafios encontrados nas relações entre estudantes e professores interferem na aprendizagem daqueles. Por fim, investigar as consequências que o conflito de linguagens no meio institucional pode causar para ambos nos processos de ensino-aprendizagem.

O presente estudo utilizou vários autores como respaldo teórico e empírico, a exemplo de Bakhtin, Vygotsky, Guimarães, Ferreira e Lima, Brito, Fischer, Dayrell, Hart, Ladd e Bulerson, Geertz, Paín, Haydt, Kleiman, Laruccia e Melo, Fergusson, Horwood e Lawton, Orlandi, Oliveira, Soares, Pino, Martins, Teixeira, Bardin, Carneiro e o site Pertoo. Este trabalho, a seguir, conta com a fundamentação teórica, que abordou “a linguagem como um fator sociocultural e de práticas” e “a linguagem dos jovens na escola e os possíveis conflitos linguísticos e relacionais entre alunos e professores”; o método que foi utilizado para realizar esta pesquisa; os resultados e discussão, que apresentou e discutiu acerca das amostras e se os objetivos foram alcançados; e por fim, as considerações finais sobre todo o estudo.

2 FUNDAMENTAÇÃO TEÓRICA

2.1 A LINGUAGEM COMO UM FATOR SOCIOCULTURAL E DE PRÁTICAS

De acordo com o que afirma Bakhtin (1993b, p. 227), a linguagem não é um dom divino, tampouco uma dádiva da natureza. Esta é “o produto da atividade humana coletiva e reflete em todos os seus elementos tanto a organização econômica como a organização sócio-política da sociedade que o tem gerado”. Como fala o autor, o ser humano, na tentativa de dominar a natureza, interage com ela e com outros seres humanos. Modifica e modifica-se, criando significações e sentidos. Diante disso, a linguagem se constitui, para Bakhtin (1993b), como uma produção social da vida humana, que se refletem os elementos e as contradições de sua organização econômica, política e social.

Para Vygotsky (2000) também, a linguagem é concebida como o sistema simbólico básico de todos os grupos humanos e, consequentemente, socialmente dado. Para o teórico, por meio da relação interpessoal com outras pessoas, o sujeito interioriza as formas culturalmente estabelecidas de funcionamento psicológico. Conforme explica Oliveira (1993), a interação social é a matéria-prima para o desenvolvimento do indivíduo. Ainda de acordo com Vygotsky (2000), a princípio a linguagem aparece como meio de comunicação entre a criança e as pessoas na qual convive, para posteriormente vir como organização do pensamento, tornando-se uma função mental interna, mediante a conversão dessa fala externa em fala interior. Desse modo, a linguagem numa perspectiva sócio-histórica-cultural é concebida como atividade constitutiva do ser humano, cuja realização se efetiva na e pela interação.

Da mesma forma, a língua é compreendida como expressão das relações e tensões sociais, que veicula-se e sofre o efeito dessa luta, servindo, ao mesmo tempo, de instrumento e de material nas várias produções de linguagem. Segundo Bakhtin (1999), os sujeitos não recebem a língua pronta para ser usada; eles penetram na corrente da comunicação verbal, ou melhor, apenas quando mergulham nessa corrente é que sua consciência desperta e começa a trabalhar. Os indivíduos não adquirem sua língua materna; é nela e por meio dela que ocorre o primeiro despertar da consciência.

Assim, segundo Pino (1991) numa perspectiva vygotskyana, as funções psíquicas humanas se originam nos processos sociais. O desenvolvimento psíquico se resulta da ação da sociedade sobre os indivíduos para integrá-los na complexa rede de relações sociais e culturais que constituem uma formação social. Podem se desenvolver nas relações sociais, por motivos diversos, situações de barreiras e conflitos. Os conflitos ocorrem nas relações entre os seres

humanos, seja porque estes se diferenciam ou porque apresentam culturas, objetivos e interesses distintos. Geralmente, esses conflitos resultam-se do desrespeito e intolerância às diferenças entre grupos sociais e culturais em uma sociedade.

Nesse sentido, para Vygotsky (1983) o desenvolvimento não é um processo apenas natural, mas um processo mediado social e culturalmente, isto é, um processo de evolução do sujeito produzido pela inter-relação dos aspectos orgânico-naturais com os socioculturais, uma vez que os indivíduos, inseridos numa sociedade, necessitam aprender a lidar com as diferenças que existem num mesmo meio social para que a convivência ocorra de forma respeitosa e mútua, e que assim, possam desfrutar de interesses que venham a ser comuns.

Conforme afirma Vygotsky (2000), o processo de aprendizagem se antecede ao processo de escolarização das crianças. Desde o começo de sua vida, mediante diversas interações (com a mãe, familiares e colegas), a criança desenvolve-se aprendendo sobre as coisas e sobre o mundo no qual vive. O autor denomina essa forma de pensamento marcada pelas experiências e vivências imediatas que são mediadas pela palavra de conceitos cotidianos.

A Língua Portuguesa evoluiu-se com o tempo, diferenciando-se de um grupo para outro, de geração para geração, tomando para si características próprias. Ao se transformarem com o tempo, as línguas sofrem variações linguísticas (palavras e significados variados, que mudam conforme o contexto) e adquirem novos olhares sociolinguísticos, ou seja, estudos nessa área.

Conforme Ferreira e Lima (2008), a cultura é um fator que tem extrema importância no desenvolvimento linguístico do sujeito, por isso deve ser respeitada. Ao privilegiar o dialeto-padrão e, muitas vezes, até impor, a escola pode influenciar na mudança do dialeto falado por alunos de comunidade rural ou bairros de subúrbios desfavorecidos economicamente, mas é reconhecido que o respeito à cultura desses deve ser mantido. A escola deve propor o dialeto-padrão e trabalhar o reconhecimento do aluno quanto ao mesmo, conscientizando-o que ao buscar uma vida acadêmica através dos estudos ele irá precisar deste dialeto de prestígio.

A linguagem não é apenas sócio-histórica e ideológica, é também cultural, visto que esta recebe a influência do contexto cultural. Diante disso, como afirma Soares (2002), a linguagem é, ao mesmo tempo, o principal produto da cultura, sendo esta o principal instrumento para a sua transmissão. Geertz (1989) se refere à cultura como uma teia de significados, extremamente necessária aos seres humanos. A partir dessa ideia pode-se entender a linguagem como produtora de sentidos, pois é pela experiência de mundo vivenciada por cada sujeito que este vai se expressar no mundo. A cultura é responsável, por exemplo, por uma consecução da linguagem impregnada por um determinado contexto social, pois o sujeito sociocultural se forma nesse contexto com uma história cultural adquirida através das experiências vivenciadas.

Segundo Fischer (2001, p. 198), Foucault afirma que

Nada há por trás das cortinas, nem sob o chão que pisamos. Há enunciados e relações, que o próprio discurso põe em funcionamento. Analisar o discurso seria dar conta exatamente disso: de relações históricas, de práticas muito concretas, que estão vivas nos discursos. Por exemplo: analisar textos oficiais sobre educação infantil, nessa perspectiva, significará antes de tudo tentar escapar da fácil interpretação daquilo que estaria por trás dos documentos, procurando explorar ao máximo os materiais, na medida em que eles são uma produção histórica, política; na medida em que as palavras são também construções; na medida em que a linguagem também é constitutiva de práticas.

Portanto, a linguagem representa, também, a construção das práticas humanas, visto que a palavra é um fator que envolve relações sociais, culturais, políticas e históricas, no qual as ações dos indivíduos refletem-se em seus discursos.

2.2 A LINGUAGEM DOS JOVENS NA ESCOLA E OS POSSÍVEIS CONFLITOS LINGUÍSTICOS E RELACIONAIS ENTRE ALUNOS E PROFESSORES

Percebe-se que na forma de falar de uma comunidade estão implícitos os valores culturais que devem ser considerados ao avaliar a linguagem dos mesmos. De acordo com Kleiman (2004), sabe-se que a educação é uma condição não apenas necessária, assim como é, também, suficiente para a resolução dos problemas sociais que o país enfrenta.

Segundo afirma Brito (2014), a questão da juventude no espaço escolar deve ser abordada como um desafio ao buscar compreender o que significa ser jovem e de que forma deve-se relacionar com o estudante. Na tentativa de entender melhor o que acontece dentro da escola, enquanto espaço de sociabilidade e aprendizagem, o tema da juventude ganha maior destaque. Geralmente é na escola que os jovens passam uma parte significativa de seu cotidiano, é o lugar de fazer amizades e compartilhar experiências e valores.

Brito (2014) diz que a identidade individual ou coletiva contará com a dimensão da diferença (ser diferente para se destacar, ser reconhecido ou entrar para um grupo). A própria identidade é muito relevante para a compreensão dessa fase da vida, mesmo que a tendência seja percebê-la a partir de vários estereótipos, quase sempre influenciados por uma imagem originada na mídia.

O universo cultural surge como um espaço privilegiado de práticas, representações e rituais simbólicos onde os jovens buscam demarcar uma identidade juvenil. Sempre tendo os adultos como ponto de referência, eles constroem culturas juvenis que lhes dão uma identidade como jovens e o espaço escolar é um veículo de fortalecimento dessas identidades, visto que é

um lugar comum para se encontrar e interagir.

Dayrell (2006) alega que estas culturas manifestam-se na diversidade em que se constituem, ganhando visibilidade através de variados estilos que possuem no corpo (roupas, tatuagens, *piercings*, brincos e outros), tendo o visual como uma de suas marcas distintivas, uma linguagem própria marcada por diferentes gírias e um status social almejado. A comunicação entre os jovens também é feita por meio dos aparelhos eletrônicos, principalmente pelos *smartphones* e computadores.

Segundo Dayrell (2006), no decorrer da vida dos adolescentes, a dimensão de símbolos e expressões tem sido bastante utilizada como um meio de comunicação e de um posicionamento diante deles mesmos e da sociedade. Dentre outras formas de expressão, tais como a música, a dança, o vídeo, o corpo e seu visual têm sido os mediadores que instigam os jovens que se agrupam para *trocar ideias*, para ouvir um "som", dançar e assim como outras inúmeras opções de lazer.

É preciso compreender as experiências e expectativas que o aluno adolescente possui, permitindo assim, entender seu próprio modo de ser, de agir e de pensar. Dayrell (2006) afirma que o entendimento de práticas e símbolos como manifestação de uma nova maneira de ser jovem é a expressão das mutações ocorridas nos processos de socialização. Não é por acaso que o fato de que as manifestações artísticas e culturais como a dança, a música, o teatro e as artes em geral fazem grande parte do interesse dos jovens.

Paín (1985) afirma que dificuldades de aprendizagem são aquelas apresentadas ou só percebidas no momento de ingresso do indivíduo no ensino formal. O conceito é amplo e inclui problemas decorrentes do sistema educacional, de características próprias do sujeito e de influências do meio. Dificuldades na aprendizagem escolar geralmente são acompanhadas de déficits em habilidades sociais e problemas emocionais ou comportamentais. Desse modo, essa condição quando se torna persistente e associa-se a fatores de risco presentes no ambiente familiar e social mais amplo, pode ter efeitos negativos no desenvolvimento do indivíduo e seu ajustamento nas etapas seguintes.

Na adolescência, o fracasso escolar persistente oferece o risco de falta da adaptação psicossocial, muitas vezes associado à evasão. A dificuldade de relacionamento pode aumentar a vulnerabilidade do jovem com dificuldades na aprendizagem, visto que é dada a relevância das relações com os pares nessa etapa do desenvolvimento, como afirmam Hart, Ladd e Bulerson (1990).

Fergusson, Horwood e Lawton (1990) apontam que diferentes fatores podem obter influência sobre o risco de desajuste socioemocional e acadêmico escolar dos alunos

adolescentes. Portanto, quando se pensa no ajustamento atual de jovens que, quando crianças, demonstraram problemas de aprendizagem, deve-se considerar as variáveis ligadas à família e ao próprio adolescente, além das características recentes desta fase do desenvolvimento.

A escola pública brasileira deve dar prioridade aos elementos linguísticos que possibilitem o aluno a fazer uso do dialeto-padrão de prestígio e que ao mesmo tempo proporcione-o conhecimento social, como ressaltam Ferreira e Lima (2008). Se tratando de escola pública sabe-se que isso não é fácil, porém a escola deve conscientizar o aluno de que ele está tendo uma chance de aprender e que logo mais o que foi aprendido será cobrado pela sociedade e utilizado, também, por ele. Assim, é de grande valia.

Ainda respaldando Ferreira e Lima (2008), os profissionais que se envolvem na educação, principalmente alfabetizadores e os que ensinam a língua portuguesa, devem assumir uma postura de flexibilidade comunicativa para que, desse modo, haja uma consciência das diferenças e uma negociação daquilo que é determinado culturalmente. Deve-se conceber o espaço da sala de aula como local de leituras, como espaço de oralidade e de trocas de ensino/informações, onde cada indivíduo tenha o direito de criar e sustentar os seus discursos na construção do conhecimento.

A escola deve, ainda, assumir um papel de facilitadora na interação entre o ser humano e a palavra. Cada palavra revela um mundo particular, tornando-se coletivo ao estabelecer um diálogo com outras palavras. Diante disso, não pode haver jus de valor que determine o discurso de um ser superior e melhor que o do outro. O professor deve saber disso para assim, aplicar nas suas práticas cotidianas na sala de aula, possibilitando a chance de melhorar a escola pública brasileira, de acordo com Ferreira e Lima (2008).

A escola poderia reconhecer-se como uma instituição além de educativa, social, construída por sujeitos socioculturais. Ou seja, professores adultos e jovens alunos pertencentes e que frequentam diferentes grupos sociais podem levar para o espaço escolar suas visões de mundo, seus valores morais, éticos, religiosos, suas tradições e culturas a fim de transformar a ação educativa.

De acordo com Brito (2014), na relação jovem *versus* escola, a formação de professores deve ser voltada para a importância de discutir, compreender e pesquisar sobre suas práticas para que possibilitem um olhar mais apropriado acerca da instituição escolar e a adoção de novos métodos pedagógicos. Necessita-se da união de todas as forças em busca de uma educação participativa de convivência democrática com diferenças na faixa etária, capaz de oferecer novos caminhos para as práticas educativas.

Para Guimarães (2004), o docente não deve se colocar em posição de detentor de todo

o conhecimento, subestimando seus alunos. A relação professor-aluno não deve ser unilateral. O estudante aprende e molda seus conhecimentos à medida em que a sua relação com o professor acontece. É por meio do contato direto com o aluno que o educador amplia também os seus conhecimentos, na relação com o novo, com o diferente, com as ideias, visões de mundo e pensamentos dos alunos no qual são diferentes dos seus.

Haydt (2006, p. 59) fala sobre a importância do diálogo na relação entre professor e aluno. De um lado se encontra o professor “com seu saber organizado, seu conhecimento cientificamente estruturado e sua forma de se expressar na norma culta da língua”. Do outro lado está o aluno, em uma posição quase contrária à do professor, com sua sabedoria não sistematizada, ideias que não estão totalmente organizadas, com a sua própria maneira de falar, ou seja, com a sua própria linguagem.

Ainda de acordo com Guimarães (2004), o relacionamento entre docente e discente será sempre afetado, com embates, conflituoso e nada saudável, tendo em vista a boa educação, caso a prática docente ou os alunos adotarem uma postura unilateral com desrespeito, preconceitos e incompreensões de ambas as partes.

Laruccia e Melo (2009) defendem que qualquer modelo, plano ou sistema de ensino-aprendizagem deve sempre levar em consideração as diferenças individuais, habilidades, cultura, experiências prévias e estilos de vida dos alunos. O discente, para aprender, precisa analisar e revisar seus conhecimentos para que os mesmos sejam significativos no processo de aprendizagem.

Referenciando o site Pertoo (2014), para tornar positiva a comunicação entre docentes e discentes, os professores precisam adequar o discurso à realidade dos jovens alunos. É de suma importância que os educadores tenham uma noção do vocabulário dos alunos, além de considerarem a idade e a série deles. Outro ponto crucial em relação à linguagem é utilizar termos próprios da matéria/disciplina a fim de que os estudantes se familiarizem com eles e saiam do espaço escolar com o repertório léxico mais amplo do que quando entraram.

3 MÉTODO

3.1 DELINEAMENTO

O presente estudo tratou-se de uma pesquisa exploratória e descritiva, de natureza

transversal e do tipo *pesquisa de campo*, que se utilizou de análises qualitativas.

3.2 PARTICIPANTES

A pesquisa contou com a participação de nove alunos e seis professores do ensino médio, divididos em 1º ano (três alunos e dois professores), 2º ano (três alunos e dois professores) e 3º ano (três alunos e dois professores) de uma escola pública da cidade de João Pessoa-PB, com idades que variam de 18 à 21 anos (alunos) e de 32 à 48 anos (professores), ambos do sexo feminino e masculino, com as variáveis sendo classe social baixa à classe social alta, formação dos professores e tempo de serviço na respectiva escola, tempo que os alunos estudam na mesma e reprovação escolar.

3.3 INSTRUMENTOS

Para a construção e realização desta pesquisa foram utilizados dois roteiros de entrevistas semiestruturadas com uma parte sociodemográfica inclusa, um para os professores e outro para os alunos.

3.3.1 Entrevista semiestruturada para os professores

Este instrumento é composto por nove perguntas abertas, sendo todas relacionadas à visão que o docente do ensino médio de escola pública tem acerca do choque de realidade linguística, devido à fatores sócio-histórico-culturais, com os alunos no qual lidam em sala de aula. A parte sociodemográfica é composta por idade, sexo, formação, tempo de serviço na escola e classe social (APÊNDICE I).

3.3.2 Entrevista semiestruturada para os alunos

Este instrumento é composto por 10 perguntas abertas, sendo todas relacionadas à visão que o discente do ensino médio de escola pública tem acerca do choque de realidade linguística como incompreensão do que o docente fala, dependendo do contexto em que estão as palavras e também o próprio significado destas, devido à fatores sócio-histórico-culturais, com os professores no qual lidam em sala de aula. A parte sociodemográfica é composta por idade, sexo, tempo que estudam na escola, reprovação escolar e classe social (APÊNDICE II).

3.4 PROCEDIMENTO

Primeiramente, o trabalho atendeu aos preceitos éticos vigentes para a realização de pesquisas com seres humanos defendidos pela Resolução n. 510/16 do CNS/MS, sendo confidencial, sob sigilo e anonimato. Este foi apresentado à escola com o objetivo de solicitar as devidas autorizações para a coleta dos dados. Logo em seguida, com a concordância da escola, os alunos e professores foram convidados a participarem da pesquisa, respondendo oralmente as perguntas da entrevista. Neste momento foi encaminhado para os participantes o *Termo de Consentimento Livre e Esclarecido (TCLE)* (ANEXO I). Após a autorização dos mesmos, foi informada a voluntariedade da participação e do caráter anônimo e confidencial de todas as informações. Uma vez tendo concordado com a participação no estudo, depois de ter também explicado todas as dúvidas surgidas, foi realizada a entrevista com os participantes, sendo um de cada vez, individualmente e separadamente, tendo uma duração média de 15 minutos.

3.5 ANÁLISE DOS DADOS

Os dados foram analisados de forma qualitativa por meio da análise de conteúdo na perspectiva de Bardin (2009) que possibilitou caracterizar o grupo amostral, conhecer as dificuldades enfrentadas pelos alunos e professores acerca da linguagem de ambos a partir de uma perspectiva sociocultural e sua relação com os processos de aprendizagem no cotidiano escolar, bem como categorizar as respostas de cada participante. A análise de conteúdo de Bardin funciona como um conjunto de técnicas de análise de discurso que utiliza procedimentos sistemáticos e objetivos de descrição do conteúdo das mensagens.

4 RESULTADOS E DISCUSSÃO

4.1 COMO FOI O CAMPO DE PESQUISA?

O campo de pesquisa escolhido foi uma escola pública da cidade de João Pessoa, com alto reconhecimento dentre as outras escolas do Estado. O motivo da escolha da mesma foi

devido à localização, por ser em uma área central, e também pela valorização de seu ensino. Após a autorização da realização da pesquisa por parte do diretor do colégio, iniciaram-se as entrevistas com os docentes do ensino médio a partir das oito horas da manhã de uma sexta-feira, dia 20 de abril de 2018, na sala dos professores. Nesse período, as primeiras pessoas entrevistadas foram tranquilas e mantiveram o foco nas perguntas, para assim, responderem com clareza. Porém, o ambiente tornou-se tumultuado e barulhento quando o sino tocou para o intervalo, visto que a sala lotou de professores e estes começaram a conversar entre si, tornando o lugar inviável. Como os mesmos só tinham 20 minutos para lanche e participarem da entrevista, eles não puderam se deslocar para outro canto, então, os dois últimos participantes foram entrevistados no mesmo ambiente. Com muito esforço, foi finalizada a pesquisa com os docentes.

Depois de algumas horas de espera, iniciaram-se as entrevistas com os estudantes do ensino médio na saída da escola pois estavam sendo liberados mais cedo, por volta das 11 horas e 30 minutos. Foi percebido que os mesmos pareciam estar sem muita vontade de participar, pois deram respostas muitas vezes curtas e vagas, não pensaram muito tempo nas respostas e também por muitos deles estarem com vontade de ir para casa devido a hora. O barulho do trânsito e a chuva forte interferiram um pouco, tanto na realização das entrevistas, quanto no áudio das mesmas, já que foram todas gravadas para uma posterior transcrição. Os estudantes não podiam mais entrar no colégio pois já haviam saído e estavam esperando o transporte para ir embora, então, deu-se continuidade à pesquisa no mesmo ambiente. Mesmo com os impecílios e o tempo corrido dos participantes, as nove pessoas entrevistadas deram suas contribuições para a realização dessa pesquisa, que foi concluída por volta das 15 horas da tarde.

4.2 QUEM FORAM OS SUJEITOS DA PESQUISA?

Este é o quadro 1 que apresenta uma síntese do perfil dos sujeitos estudantes que participaram da pesquisa. Para garantir o sigilo dos participantes, foram criados pseudônimos.

Quadro 1. Sujeitos estudantes que participaram da pesquisa

Estudante	Idade	Sexo	Tempo de estudo na respectiva escola	Reprovação	Classe social	Série
João	19 anos	Masculino	2 meses	Sim	Classe média	3º ano

José	18 anos	Masculino	2 anos	Sim	Classe média	1º ano
Maria	18 anos	Feminino	16 anos	Sim	Classe média	3º ano
Joana	18 anos	Feminino	2 anos	Sim	Classe média	3º ano
Mário	21 anos	Masculino	3 anos	Sim	Classe média	2º ano
Pedro	18 anos	Masculino	3 anos	Sim	Classe média	2º ano
Jéssica	18 anos	Feminino	2 meses	Sim	Classe Média	1º ano
Caio	18 anos	Masculino	2 meses	Sim	Classe média	1º ano
Arthur	18 anos	Masculino	2 anos	Não	Classe baixa	2º ano

Fonte: A autora.

Como se pode observar acima, a maioria dos estudantes têm 18 anos de idade, com exceção de dois jovens, um com 21 anos e o outro com 19 anos. A maior parte dos adolescentes entrevistados foram do sexo masculino, sendo apenas três jovens do sexo feminino. Seis dos alunos participantes estão matriculados na respectiva escola em estudo há pelo menos dois anos, sendo três que estudam em um período de dois anos; dois alunos que estudam em um período de três anos e um estudante que estuda nessa escola há 16 anos. Ainda há três jovens que estudam em um tempo curto de dois meses. Quase todos os alunos entrevistados disseram ter tido reprovação na escola, exceto um aluno do sexo masculino, que também foi o único a afirmar que sua família pertence à classe baixa. Os outros oito estudantes disseram ser pertencentes à classe média. Como foi explicado no método da pesquisa, os nove adolescentes entrevistados foram do ensino médio de uma escola pública da cidade de João Pessoa, sendo três alunos do 1º ano, três alunos do 2º ano e três correspondentes ao 3º ano.

Este é o quadro 2 que apresenta uma síntese do perfil dos sujeitos docentes que participaram da pesquisa. Para garantir o sigilo dos participantes, foram criados pseudônimos.

Quadro 2. Sujeitos docentes que participaram da pesquisa

Docente	Idade	Sexo	Tempo de serviço na respectiva escola	Formação acadêmica	Classe social	Série
Victor	37 anos	Masculino	2 meses	Bacharelado e licenciatura em Geografia	Classe média	1º ano
Álvaro	48 anos	Masculino	16 anos	Graduação e mestrado em História	Classe média	2º ano
Theo	32 anos	Masculino	1 ano e meio	Graduação e mestrado em Filosofia	Classe média	2º ano
Tadeu	45 anos	Masculino	8 anos	Licenciatura e bacharelado em Biologia	Classe média	1º ano
Leila	46 anos	Feminino	2 meses	Graduação em Letras	Classe média	3º ano
Sabrina	41 anos	Feminino	1 mês	Licenciatura em Letras – Português	Classe média	3º ano

Fonte: A autora.

De acordo com o quadro 2, a maior parte dos docentes têm mais de 40 anos de idade, com exceção de dois professores, um com 37 anos e o outro com 32 anos. A maioria dos entrevistados foram do sexo masculino, sendo apenas duas docentes do sexo feminino. Três dos educadores participantes apresentam tempo de serviço na respectiva escola em estudo há pelo menos um ano, sendo um que ensina em um período de um ano e meio; um que ensina em um período de oito anos e um professor que leciona nessa escola há 16 anos. Ainda há dois que lecionam em um breve tempo de dois meses e um docente que trabalha em um tempo curto de um mês. Todos os docentes entrevistados disseram ter formação acadêmica, na qual

compreende à uma graduação em História, uma graduação em Geografia, uma formação em Filosofia, uma formação em Biologia e duas formações em Letras. Todos os seis professores afirmaram ser pertencentes à classe média. Como foi explicado no método da pesquisa, os seis educadores entrevistados lecionam no ensino médio de uma escola pública da cidade de João Pessoa, sendo dois professores do 1º ano, dois professores do 2º ano e dois correspondentes ao 3º ano.

4.3 ANÁLISES DO QUE FOI ENCONTRADO NAS ENTREVISTAS

4.3.1 Relação dos estudantes com a escola

Quando perguntou-se acerca da opinião dos alunos sobre a respectiva escola onde estudam, a maioria respondeu que acha o ensino bom/muito bom, como se pode ver nas falas de Maria e Caio, respectivamente: *“Acho bom. O ensino é muito bom”* (Maria) e *“O ensino público daqui é até bom”* (Caio). Pelo relato deles, a qualidade do ensino da escola em estudo é boa, mas também houveram contradições. Três pessoas disseram que o nível era médio/razoável, de acordo com os seguintes dados: *“Mais ou menos”* (Jéssica) e *“Razoável”* (José). Uma pessoa afirmou ser ruim/péssimo, segundo a fala de João: *“Péssimo, precário”*. Sendo essa última frase uma resposta negativa acerca da escola, pode-se considerar que o estudante tenha algo pessoal contra a mesma, no qual se observa em outras respostas ao longo das análises.

No que diz respeito ao relacionamento que os mesmos têm com os professores dentro e fora da escola, seis participantes afirmaram ser bom/normal, em ambos os locais, de acordo com José, Mário e Caio, respectivamente: *“É a mesma, todos eu trato com respeito, que trate com respeito comigo também”* (José), *“São boas, muito legais, dentro e fora”* (Mário) e *“O convívio com eles é bom, legal, eles apoiam os alunos em tudo, resumem tarefas...”* (Caio). Dois entrevistados relataram ter uma relação boa/tranquila dentro da escola, mas não têm convívio com eles fora da mesma, como se pode observar nas falas de Joana e Arthur, respectivamente: *“Dentro da escola tenho uma relação boa com os professores. Fora, não tenho”* (Joana) e *“Dentro é tranquilo mas fora eu não tenho nenhum convívio com eles, sei lá, não sei...”* (Arthur). E houve uma fala negativa, na qual uma pessoa afirmou que a relação com os docentes é ruim e de desrespeito com ambos (professor e aluno), tanto dentro quanto fora do colégio, de acordo com João no seguinte relato: *“A questão é a seguinte, que os professores não respeitam os alunos nem os alunos não respeitam os professores. Então, tá feito gato e*

cachorro”. Segundo a afirmação do estudante João, é notório que o mesmo têm dificuldade em se relacionar com os professores e por isso, alega que o ensino da escola é péssimo e precário, sendo ressaltado que o desrespeito se faz presente. No geral, ter uma boa relação entre docentes e discentes pode favorecer um melhor desempenho escolar, visto que a harmonia, a boa convivência, os questionamentos voltados para os assuntos escolares e o suprimento de dúvidas facilitam cada vez mais a aprendizagem dos alunos. O convívio entre ambos fora do espaço escolar é só mais um bônus para que este não se restrinja apenas à um único ambiente, mas o respeito deve ser o mesmo e manter a harmonia é o ideal. Para Guimarães (2004), se os docentes ou os alunos conviverem com uma postura de desrespeito, preconceitos e incompreensões, o relacionamento entre eles será sempre conflituoso e afetado.

Quanto ao convívio com os colegas, a maior parte dos entrevistados relatou que possuem uma convivência boa com os outros jovens, uma relação amistosa, como se pode analisar nas seguintes afirmações: *“Sim, porque a gente sempre tá ali convivendo no dia a dia”* (José), *“Sim, a gente se comunica bem, conversa, brinca, fala...”* (Joana) e *“Mantenho, os colegas são do meu convívio internamente e externamente”* (Arthur). Dois alunos disseram ter pouco contato com os colegas, como se encontra nas falas: *“Pouca, assim de conversar e tal”* (Maria) e *“Com meus colegas não muito, eu falo muito pouco. Por não gostar muito de socializar com as pessoas”* (Caio). Apenas uma pessoa afirmou negativamente ter algum tipo de aproximação com os mesmos, demonstrando na frase a seguir: *“Com meus colegas não, porque eu não sou muito de fazer amizade”* (Jéssica). Como se sabe, a instituição escolar além de ser um espaço educacional, é também um ambiente de sociabilidade, principalmente entre os estudantes. Eles compartilham entre si seus gostos e preferências sobre determinados assuntos, sejam música, dança, cinema, literatura, tecnologia, arte e afins. Desse modo, Brito (2014) afirma que eles vão se inteirando com o grupo sociocultural (*punks, geeks, metaleiros, góticos, cultura pop, hippies, rappers* e entre outros) no qual se identificam mais e assim, fazendo novas amizades, visto que a convivência é diária e a faixa etária é quase sempre a mesma. Entretanto, há também os jovens mais tímidos e reclusos, que não conseguem ou não querem se socializar com os demais alunos, por motivos pessoais ou simplesmente possuem dificuldades em interagir com outras pessoas. Estes devem ser respeitados por suas decisões e ajudados, se for preciso, pela escola. Segundo Martins (2005), a timidez é um comportamento que faz parte da personalidade humana e, portanto, do mesmo modo que foi construída, também pode se desconstruir, uma vez que foi transformada a partir das relações sociais e como já foi salientado, afirma-se que a escola pode ser bastante importante no processo de desconstrução da mesma.

No quesito condição sociocultural, seis discentes responderam que o contexto em que

vivem exerce forte influência sobre eles, a exemplo das seguintes falas de João, Pedro e Arthur, respectivamente: *“Tem, tem sim. Porque quem mora em comunidade, aprende a falar linguagem coloquiais, gírias né, aonde a gente chega, chega falando gíria né, porque a gente já nasceu e cresceu ouvindo...”* (João), *“Sim, as coisas que eu aprendi dentro de casa também, não só como na rua, me ajudou a ser quem eu sou e essas coisas aí”* (Pedro) e *“Tem, eu uso muito gírias, entendeu? Mas é pela questão sociocultural mesmo, entendeu?”* (Arthur). Mas também houveram contradições, ou seja, respostas negativas para essa questão. A minoria respondeu que o meio no qual fazem parte não influencia de modo algum, como se pode ver nas afirmações de Maria, Joana e Caio, respectivamente: *“Não. Porque meus pais, assim, não teve a oportunidade que eu tô tendo agora, de estudar até o ensino médio e tal... o que eu tô tendo agora. Então, praticamente pra mim, não”* (Maria), *“Não, porque assim do jeito que eu sou na escola, eu sou fora”* (Joana) e *“Não. Porque tipo, aonde eu vivo as pessoas usam muito gírias e tal mas eu não gosto de usar isso. Eu acho um pouco desnecessário”* (Caio). Desde muito cedo os indivíduos aprendem, através da convivência com as pessoas em seu meio, a falar e agir do mesmo modo no qual estas fazem. Na maioria das vezes, isto serve de influência ou exemplo para os mais jovens, que estão em processo de formação e desenvolvimento da linguagem. A partir dessa concepção de mundo, cada pessoa (ou grupos de pessoas) vai desenvolvendo sua linguagem própria, de acordo com seu contexto sociocultural e suas origens, muitas vezes marcado pelo uso da linguagem informal. Concordando com Vygotsky (2000), a linguagem em um olhar sócio-histórico-cultural é percebida como uma atividade constitutiva do ser humano, na qual sua realização se efetiva na e pela interação. Entretanto, há indivíduos que resistem a essa forte influência de seu meio e não adotam (ou adotam muito pouco) tais práticas socioculturais para si, talvez por serem oriundos de um contexto não tão rico simbolicamente, ou por terem sido orientados a não fazerem o uso de uma linguagem coloquial. Essas pessoas podem apresentar menos dificuldade na escrita e na compreensão e interpretação textual, obtendo um ótimo desempenho escolar.

4.3.2 Relação dos docentes com a escola

Ao questionar acerca da opinião dos professores sobre a respectiva escola onde trabalham, a maioria respondeu que acha o ensino bom/muito bom, como se pode observar nas falas de Álvaro e Sabrina, respectivamente: *“Muito bom”* (Álvaro) e *“Um ensino coerente, ensino bom. Não tenho o que me questionar não, ainda mais nessa escola que é a melhor”* (Sabrina). Claramente a visão dos docentes acerca do nível de ensino da escola é bastante

positiva. Porém houveram respostas de meio termo, visto que apenas duas pessoas disseram que o nível era médio/razoável, encontradas nas afirmações de Theo e Tadeu a seguir: *“Bem, em relação ao Estado de maneira geral, tá um nível acima, talvez pelo fato de ser uma escola centenária e ser assim, do Estado, a demanda acaba fazendo com que haja uma seleta de alunos, o nível acaba sendo um pouco acima da média, agora, muito baixo ainda em alguns contextos de ensino em comparação”* (Theo) e *“Apesar de ser o ensino que, à nível da Paraíba, possa se dizer que é de qualidade relativamente boa em comparação às outras escolas, mas ainda deixa a desejar”* (Tadeu). Diante dessas falas, percebe-se que tais docentes possuem um olhar mais crítico para alguns detalhes não explicitados em seus relatos. Isso mostra que nem todo colégio é perfeito, sempre tem algo que pode ser melhorado, seja na estrutura, na qualidade de ensino, na equipe pedagógica e de professores, nas demandas de entrada de alunos, nos recursos materiais e tecnológicos e entre outros.

Quanto ao relacionamento que os mesmos têm com os educandos dentro e fora da escola, quatro participantes afirmaram ser bom/excelente, em ambos os locais, segundo as falas de Victor e Leila: *“A relação é excelente. Tanto dentro, quanto fora. Até porque, a gente, hoje em dia, não têm que ficar especificamente como um transmissor de conhecimento. A gente têm que tá sensível às adversidades, ao que tá acontecendo, às vezes tem problemas familiares, né? Ou determinados distúrbios que até então não foram identificados e isso interfere bastante no processo. Mas a relação é excelente”* (Victor) e *“É boa, assim, é boa. Assim, eu consigo conversar com eles. Às vezes eles ficam meio, como se tivesse, assim, resistindo. Mas eu termino conseguindo fazer isso, e o que eu quero fazer em sala de aula”* (Leila). Os outros dois entrevistados relataram ter uma relação boa/científica dentro da escola, mas não possuem convívio com eles fora da mesma, de acordo com os relatos de Álvaro e Tadeu, respectivamente: *“Fora da escola eu não tenho relação com aluno, dentro da escola eles são pessoas que estão contribuindo com o meu crescimento e eu contribuindo pro crescimento deles, científico, mas fora da escola eu não tenho relação”* (Álvaro) e *“Dentro da escola eu acho que é uma relação relativamente boa, principalmente esse ano que o aluno do colégio está... é... aqui já teve problemas, como toda escola tem problemas com alunos que muitas vezes se envolvem com drogas, se envolvem com coisas tidas como erradas e esse ano especificamente essa quantidade de alunos com essas características diminuiu significativamente, então o relacionamento que nós temos aqui é sempre um relacionamento bom. E fora do colégio, talvez pela distância, esse colégio não recebe somente alunos de João Pessoa, de muitos outros locais também, dificilmente eu tenho contato com eles né, raríssimo o contato com os alunos fora do colégio”* (Tadeu). Pode-se dizer que, além do quanto é saudável

ter uma relação boa entre professores e alunos (dentro da instituição e se possível, fora), como foi dialogado anteriormente, é de suma importância que o papel do docente não se limite apenas ao ensino. Concordando com Guimarães (2004), o professor não tem apenas a função de ser o transmissor do saber, mas também de possibilitar a troca de conhecimentos com os estudantes, para ambos se enriquecerem de informações vindas dos dois lados, cientificamente e empiricamente. E ainda, estar aberto para se envolver em assuntos que vão além das matérias, juntamente com a equipe de profissionais da escola, para que estejam todos envolvidos, ampliando vínculos afetivos com os alunos. Buscar conhecer mais a fundo a situação do discente pode ajudá-lo a enfrentar qualquer impecílio (caso tenha), seja consumo de drogas, bebidas, criminalidade, questões familiares, de saúde, financeiras, *bullying* e etc., que esteja dificultando sua aprendizagem/sociabilidade no espaço escolar. Por mais que eles resistam no começo, aos poucos a relação irá se fluir naturalmente. Sobre os educadores não terem convívio com os alunos fora do espaço institucional, o fator distância é o mais comum dentre outros, como frequentar diferentes lugares, por exemplo.

No que diz respeito à condição sociocultural dos estudantes, quatro docentes responderam que os fatores sociais e culturais presentes nos jovens dificultam a aprendizagem dos mesmos, ressaltada nas falas de Victor e Theo a seguir: *“Em parte, sim. Quando esse comportamento tá travestido de vícios, né, de gírias ou certos vícios que, por exemplo, a educação doméstica não está tão presente ou evidente, dificulta sim”* (Victor) e *“Acredito que sim, em algumas circunstâncias chega a interferir, por exemplo, quando é um aluno vindo de uma comunidade, que mora longe... às vezes o acesso a alguns elementos culturais ou sociais podem dificultar. E a falta de acesso a materiais também”* (Theo). Porém também houveram respostas negativas. A minoria respondeu que estes fatores não dificultam os processos de aquisição do conhecimento dos alunos, como foi ilustrado nas afirmações de Álvaro e Sabrina, respectivamente: *“Não, não dificulta. Tudo que vem pra questão juvenil serve pra que a gente reflita, pra que a gente aprenda, ou pra que a gente exclua, mas traz alguma coisa né, contribui de certa forma”* (Álvaro) e *“Não, porque tem isso aqui, isso não vai da classe social, isso vai muito também da questão pessoal de cada um, porque às vezes a gente vê em relação aos alunos que tem condições e também não querem nada e tem alunos que não tem e vão e se sobressaem e passam por aqueles que tem”* (Sabrina). De acordo com o que já foi discutido antes, o indivíduo (quando jovem) vai adquirindo sua própria maneira de falar através da interação com o seu contexto. Respalando Dayrell (2006), essa língua que se modifica conforme diversos grupos sociais/culturais, muitas vezes está atrelada a vícios de linguagem, gírias, linguagem informal e etc. A partir do momento que isso acontece, podem surgir

dificuldades em utilizar a norma padrão da língua brasileira na sala de aula, em leituras e discussões de textos, escrita, apresentação de trabalhos e compreensão dos conteúdos. Com isso, na maioria das vezes gera barreiras na aprendizagem dos estudantes, quando não se tem uma orientação prévia da família. A distância e a condição socioeconômica de alunos carentes também pode dificultar a aprendizagem dos mesmos, visto que alguns não têm acesso a materiais de estudo, bem como morar longe da escola muitas vezes pode ocasionar várias faltas nas aulas, contribuindo para que o jovem tenha um processo mais lento. Em contrapartida, existem alunos que mesmo sendo carentes, no qual a família possui baixa renda para custear seus estudos, de alguma forma conseguem se dedicar e se esforçar mais para rebater esses impasses e acabam por sobressair os jovens de classe mais alta, que não estão preocupados com a escola. Portanto, a classe social nem sempre dificulta o desempenho do aluno. Outro ponto que vale salientar é que, apesar das dificuldades na qual as condições sociais e culturais podem criar, há um lado positivo que diz respeito a reflexão, ao aprendizado e a exclusão, do que não convém, de práticas simbólicas que os grupos sociais podem contribuir, sem dificultar a aprendizagem dos alunos, segundo a visão do professor entrevistado, Álvaro.

4.3.3 Linguagem e comunicação dos estudantes

4.3.3.1 Avaliações escolares e a linguagem

Ao perguntar se os alunos fazem uso de uma linguagem mais culta e formal no momento em que vão apresentar algum trabalho ou seminário, sete discentes afirmaram que falam com mais formalidade, como se pode observar nas falas a seguir: *“Eu falo mais a formal, que no cotidiano a gente fala mais o que vive no cotidiano”* (José), *“Formal sim, que explica mais a respeito do que tá falando e tal...”* (Maria), *“Com certeza, assim como a gente usa hoje em dia, dentro da escola né, porque a linguagem com o professor é uma coisa. Quando a gente tá fora, com os amigos, a gente usa uma linguagem totalmente diferente”* (Joana) e *“Sim. Eu tento apresentar da melhor maneira possível, que possa ser entendido não só pelos professores, mas como pra os alunos”* (Pedro). Também tiveram contradições a respeito desse questionamento. Apenas dois estudantes responderam que não usam a linguagem culta e formal nas apresentações, a exemplo de João e Mário, respectivamente: *“Não, porque os professores, assim, não têm discernimento de dizer “olhe, vá por aqui, faça isso...”*. *É de boa, homi”* (João) e *“Informal. É complicado... falo mais o que é pra falar, tipo, com gírias”* (Mário). Com isso, conclui-se que muitos jovens, mesmo tendo suas linguagens próprias, suas maneiras de se

expressarem com os amigos e colegas no cotidiano social, optam por utilizar uma forma mais culta e formal de falar em sala de aula, principalmente em um momento de avaliação oral pelos professores, para que todos possam compreender o que está sendo dito. Contudo, há ainda aqueles alunos que possuem essa informalidade muito enraizada e não conseguem distinguir os momentos de uso e desuso da mesma. Ou existem professores, principalmente de escolas públicas, que não tem a preocupação em ensinar, orientar e dar dicas de como utilizar um vocabulário mais rebuscado em uma ocasião formal. Ferreira e Lima (2008) ressaltam que a escola deve dar prioridade aos elementos linguísticos que possibilitem o jovem a usar um dialeto-padrão de prestígio e que o proporcione conhecimento social.

Quanto ao desempenho nas provas, oito alunos responderam que o mesmo é razoável/médio, a exemplo das falas de Maria, Joana, Jéssica e Arthur a seguir, respectivamente: *“Mais ou menos, umas me dou bem, outras não”* (Maria), *“É mais ou menos, razoável”* (Joana), *“Médio”* (Jéssica) e *“Mediano, 7, entendeu?”* (Arthur). Só um participante respondeu positivamente, no qual foi ilustrado na afirmação de Caio: *“Nesse primeiro bimestre eu estou indo bem. Tipo 8, 8, 7, 10...”*. Quase todos os estudantes possivelmente têm alguma dificuldade ao realizar as avaliações escritas, visto que a maior parte dos entrevistados respondeu que o desempenho nas provas é médio. Essas dificuldades podem ser causadas por inúmeros motivos, dentre eles a falta de compreensão e interpretação textual, bem como dificuldades na escrita podem se fazer presente. A linguagem do professor, juntamente com a dos livros didáticos, podem ser bastante difíceis de serem interpretadas, já que o aluno está acostumado a ter sua própria maneira de falar e muitas vezes, com a falta de leitura. O estudante que consegue obter êxito em seu desempenho, provavelmente possui (além de outros pontos) o hábito de ler e o exercício da linguagem dos livros e do professor, mesmo que ainda assim, fale diferente dele. Ferreira e Lima (2008) afirmam que a escola deve assumir um papel de facilitadora na interação entre o ser humano e a palavra.

Em relação a compreender com clareza as perguntas elaboradas para as provas ou atividades, cinco entrevistados relataram que sim, eles conseguem compreender claramente as questões, de acordo com as seguintes falas: *“Sim, é questão da interpretação né, se você lê e saber interpretar, tá tudo certo...”* (João), *“Sim”* (Pedro) e *“Sim”* (Caio), concordando com o primeiro. Três pessoas disseram que compreendem mais ou menos, a exemplo de Joana, Mário e Arthur, respectivamente: *“Algumas, outras não. Outras os professores dificultam muito as palavras e não explicam à gente que palavras são aquelas que a gente nem conhece”* (Joana), *“Algumas sim, algumas não...”* (Mário) e *“Mais ou menos”* (Arthur). E apenas uma resposta negativa. A estudante disse que não consegue compreender, como se pode observar na fala a

seguir: *“Não, tenho dificuldade”* (Jéssica). Segundo os relatos observados, é notório a contradição com o questionamento anterior acerca do desempenho nas provas. Se a maior parte dos entrevistados afirmou que consegue compreender as questões claramente, isto contradiz a resposta da maioria sobre ter um desempenho médio nas avaliações, visto que, de acordo com eles, os mesmos têm uma boa compreensão das perguntas, então poderiam ter considerado o desempenho como bom. Ressaltado anteriormente, a compreensão se dá a partir do conhecimento do assunto com a fácil leitura e interpretação do que é pedido. Para aqueles que possuem pouca ou muita dificuldade e não conseguem compreender ou compreendem pouco, o docente pode fazer o incentivo à leitura, pois amplia o vocabulário dos alunos. E ainda, aproveitar para explicar algumas palavras ou contextos no qual eles apresentam menos facilidade em entender nos exercícios, como um treinamento para prova. Ferreira e Lima (2008) sustentam que os profissionais que estão envolvidos com a educação, principalmente alfabetizadores e os que ensinam a língua portuguesa, devem assumir uma postura de flexibilidade comunicativa a fim de que haja uma consciência das diferenças e uma negociação do que é determinado culturalmente. Deve-se conceber a sala de aula como local de leituras, oralidade e explanações.

4.3.3.2 Dificuldades na comunicação com os professores

No que diz respeito ao entendimento da linguagem dos docentes por parte dos estudantes, cinco jovens alegaram que não existem alunos (incluindo a pessoa) que apresentam dificuldade em entender a linguagem que os professores usam, como se pode ver nas falas a seguir: *“Não, porque, assim, como a gente já passou por isso, já tem mais sabedoria sobre aquilo”* (José), *“Não. Nenhuma dificuldade”* (Joana) e *“Não, porque a maioria dos estudantes têm base estrutural e educacional, entendeu?”* (Arthur). Três jovens deram respostas positivas, disseram que existem alunos que apresentam dificuldade, como Maria, Pedro e Jéssica: *“Alguns sim”* (Maria), *“Alguns sim, porque tem alguns alunos mais estudiosos e tem alguns que não... aí os professores tentam adaptar pra que todos possam entender”* (Pedro) e *“Sim, alguns sim. Tem uns que aprendem mais fácil e outros não, porque tem professor que fala diferente, por ser de outro estado, de outra cidade...”* (Jéssica). E apenas um aluno afirmou que não sente dificuldade no entendimento, mas também não sabe informar a respeito dos colegas de sala, a exemplo de João: *“Até onde eu sei... da minha parte, não. Não sei dos outros alunos, né...”*. Pode-se considerar que, pelo fato de alguns estudantes já terem passado por obstáculos na compreensão da linguagem do professor e isto ter sido intervindo, estes possuem uma certa base

sobre isso agora, portanto, a maioria afirmou não ter dificuldade. Entretanto, ainda há jovens que sentem essa necessidade de compreender mais, por terem menos hábito de estudo do que os outros e/ou por simplesmente possuírem um ritmo mais lento que os demais. Diante disso, o professor deve sentir uma necessidade de adaptação de sua linguagem a fim de facilitá-la para o melhor entendimento da turma. O fator sotaque ou palavras que mudam de lugar para outro também pode atrasar alguns alunos. É recomendável que, com a ajuda dos estudantes, o professor adeque seu vocabulário àquela cidade na qual trabalha. Concordando com Brito (2014), a formação dos docentes deve voltar-se para a importância da compreensão, discussão e pesquisa sobre suas práticas, objetivando possibilitar um olhar mais apropriado acerca da instituição escolar e a adoção de novos métodos pedagógicos.

Ao ser questionado se os alunos mantêm uma boa comunicação com os educadores, oito entrevistados responderam positivamente, ou seja, eles mantêm uma comunicação saudável com os docentes, no qual foi ilustrado nas seguintes falas de Maria, Mário, Caio e Arthur, respectivamente: *“Sim, pouca, mas de dúvida eu sempre tiro com os professores, assim”* (Maria), *“Sim, falo normal com eles... com os professores. Nunca tive uma DR com os professores”* (Mário), *“Com meus professores sim, eu tenho uma boa comunicação, falo com todos...”* (Caio) e *“Mantenho, até porque os professores são muito legais e educados”* (Arthur). Mas também teve uma contradição, visto que houve uma resposta negativa acerca da pergunta, como foi encontrada na fala de João: *“Com os professores eu tento, mas os professores não colaboram com a gente, alunos. Só porque tem uma patente maior do que a gente, professor quer ser mais que o aluno. Não pode tá existindo isso, o aluno é igual ao professor, tem aluno que sabe mais que o professor, que sabe coisa que o professor não sabe e tem coisa que o professor sabe que o aluno não sabe, então tem que ter uma interligação e os dois terem um diálogo”*. De acordo com os relatos, foi percebido que a maior parte dos estudantes se preocupa em ter uma comunicação boa com os professores, mesmo que não seja com muita frequência, porém os alunos procuram sanar suas dúvidas e manter um diálogo com eles. O respeito e a educação também se fazem presentes por parte da maioria dos jovens para se ter uma harmonia entre eles. Em contrapartida, há casos como o de João (que já possui algo pessoal contra a equipe de docentes da escola), em que os professores não conseguem se comunicar com os estudantes e vice-versa, desenvolvendo um mal-estar entre ambos, desentendimentos e até intrigas. Por isso a comunicação deve ser sempre bilateral e saudável, visto que nenhum é melhor do que o outro e deve sempre haver uma troca de experiências em sala de aula, como foi salientado anteriormente por Guimarães (2004).

4.3.3.3 As gírias como vocabulário moderno

Quando interrogados acerca do modo no qual os jovens acham que as gírias podem influenciar na formação acadêmica deles, a maior parte (oito alunos) respondeu que influencia negativamente na escola, em entrevistas de emprego, em questões de provas, nos olhares das pessoas e entre outros, a exemplo das afirmações seguintes: *“Influencia muito, porque hoje em dia se você chegar num canto falando gíria você já é discriminado, é chamado de marginal, por causa de umas simples palavras...”* (João), *“Porque algumas vezes complica até no modo de, por exemplo, fazer uma entrevista de emprego, aí certas gírias tem que ser corrigidas”* (Pedro), *“Muita. Os jovens, a maioria hoje em dia tudo fala gíria. Influencia na escola...”* (Jéssica) e *“Em questão de provas. Eles podem utilizar sabendo que pode ser... ele usa mas não sabe pra que tá usando, entendeu?”* (Arthur). Houve também uma resposta positiva, ilustrada na fala de Caio a seguir: *“Eu acho que elas podem influenciar pra eles aprenderem um novo modo de língua, no Brasil, porque a maioria dos brasileiros usam um pouco as gírias”*. Conforme foi explicitado acima, os discentes relataram casos que acontecem com muitos alunos. Na visão de muitas pessoas, principalmente as mais velhas, quando um adolescente chega em algum lugar falando gírias, com uma linguagem coloquial e moderna, estas o olham completamente diferente, com uma expressão de preconceito e marginalizando os que falam de tal forma. Durante uma entrevista de emprego, o indivíduo se vê obrigado a utilizar um vocabulário mais rebuscado e formal, para que o entrevistador não o discrimine e este perca sua chance de trabalho. Ou seja, o mundo julga muito as pessoas pelo linguajar delas. Há também as implicações na aprendizagem, nos estudos e nas questões de provas, no qual o uso das gírias pode influenciar negativamente, complicando muito o entendimento das informações e transmitindo ideias erradas. Na opinião de Caio, as gírias são vistas como ponto positivo no sentido de formar uma nova língua brasileira, visto que a maior parte das pessoas utilizam elas. Sabe-se que esta é uma visão muito radical sobre a linguagem formal que deve ser obrigatoriamente usada em muitas ocasiões específicas. Não se pode fragmentar uma língua a fim de criar uma nova com base em palavras coloquiais/gírias, pois existem muitos momentos de formalidade que pedem um linguajar mais culto. Contudo, Ferreira e Lima (2008) afirmam que cada palavra revela um mundo particular, tornando-se coletivo ao estabelecer um diálogo com outras palavras. Diante disso, não se pode determinar o discurso de um ser como melhor que o do outro.

Quando questionados a respeito de como os estudantes acham que as dificuldades acerca da linguagem moderna podem ser mudadas de modo que enriqueça o vocabulário e pensamento

dos alunos, quatro participantes deram respostas relacionadas à aprendizagem e educação, como se pode observar nas falas a seguir: *“Eu acho que na hora que os professores tiverem explicando, principalmente os de português, que se volta mais pra ele, explicar aquelas palavras que a gente não tá entendendo, explicar mais. [...] Aquelas palavras que a gente não sabe nem de onde vem, não sabe qual é o sentido, aí fica aquela coisa mais perdida. Aí eu acho que deveria melhorar nisso”* (Joana) e *“Através da aprendizagem, que a gente sempre aprende aqui a língua portuguesa e é até bom que todas as escolas estaduais fossem integrais pra que por meio disso o aluno possa sempre ter uma boa comunicação e aprender sempre mais a língua portuguesa. E mais educação pra quem tá em processo de formação”* (Pedro). Três pessoas responderam que não sabem, a exemplo de José e Mário, respectivamente: *“Não sei”* (José) e *“Não faço ideia. Não sei”* (Mário). Por fim, dois jovens responderam relacionados à modificação da linguagem, que foram ilustrados nas seguintes afirmações: *“Eu creio pra mim, que pegasse o termo gíria e não dissesse que seria linguagem coloquial, poderia ser uma linguagem modificada e recebesse o termo de linguagem modificada, porque realmente é uma linguagem modificada, a gente pega as palavras simples e converte elas no modo de entender que todos compreendam de outra forma”* (João) e *“Eu acho que tipo tem muitas palavras que são muito grandes e são desnecessárias pra ser faladas. Deveria melhorar um pouco, pra facilitar mais a vida de todo mundo. De modo que enriqueça o vocabulário dos alunos”* (Caio). Desse modo, é perceptível que os estudantes deram sugestões de como mudar esse quadro de dificuldades, que são causadas por vários fatores. A explicação de palavras diferentes e difíceis, não muito comuns no cotidiano dos adolescentes é uma das formas de mudança. Portanto, é importante que o docente em sala incentive o hábito de leitura aos alunos, mas também aponte os significados e sinônimos de palavras (e em determinados contextos) no qual aparecem nos textos trabalhados nas aulas, como já foi explicitado antes. A aprendizagem em si também foi citada, logo o hábito de estudo é fundamental para que a mudança ocorra, não só em língua portuguesa como em todas as disciplinas. É salientada a relevância da maior prática de educação e conscientização de pensamento amplo em jovens em processo de formação, talvez por serem mais novos e ainda não possuírem as ideias formadas. A sugestão dada pelo estudante João é de que as gírias não sejam vistas negativamente, mas sim positivamente, como uma linguagem simplificada e de fácil acesso. Mas nem todos iriam compreender, já que esta seria uma linguagem nova. Por último, encurtar ou extinguir as palavras consideradas grandes não seria uma forma de enriquecimento do vocabulário, muito pelo contrário, só iria reduzi-lo. Para finalizar, é interessante que os adolescentes se informem cada vez mais sobre os modos de melhorar e ampliar o pensamento e aquisição do vocabulário para se tornarem pessoas críticas

e com muitos conhecimentos no futuro.

4.3.4 Linguagem e comunicação dos docentes

4.3.4.1 Comunicação e conflitos

Em relação a quais barreiras comunicativas os docentes acham que atrapalha o ensino-aprendizagem com os alunos, quatro professores responderam que a tecnologia/celulares complicam a comunicação entre eles, sendo observadas nas seguintes afirmações: *“A dispersão devido a questão do celular é grande pela questão da idade, são adolescentes, a gente trabalha com adolescentes”* (Álvaro) e *“Talvez seja mais a questão da discrepância relacionada à tecnologia, eu acredito que essa juventude de hoje está mais atenta ou tem uma visão de mundo mais atual, mais pela ótica de um celular, ou de algo que seja mais imediato do que algo que leva certo processo”* (Theo). Houveram também respostas alegando que não possuem nenhuma barreira comunicativa, a exemplo das falas de Victor e Leila, respectivamente: *“Bom, na verdade, barreiras relativas à linguagem eu não percebo não. Eles conseguem captar bem as mensagens e vice-versa”* (Victor) e *“Assim, com a comunicação, não, não”* (Leila). Pode-se notar que alguns docentes apresentam barreiras na comunicação com os estudantes, muitas vezes ocasionadas pelo uso da tecnologia e dos celulares. Segundo Dayrell (2006), os jovens estão cada vez mais na atualidade, se fechando para a comunicação verbal em sala e se aprofundando mais na comunicação virtual na internet. Com isso, eles se distraem facilmente pois se conectam em outro “mundo”, um mundo mais imediato e cheio de diversidades, não prestando atenção nas aulas e nas explicações do professor, nem tiram dúvidas com o mesmo. Em casa, isso se repete, os adolescentes não estudam e assim vira um ciclo vicioso. A tecnologia é bem vinda na escola a fim de facilitar o acesso à materiais de estudo ou ferramentas que auxiliem na aprendizagem dos alunos. Desse modo, a interação do aluno-tecnologia-professor fica mais viável e sem conflitos entre os dois. Entretanto, há professores que não apresentam complicações relacionadas a essa questão da tecnologia, o que é uma vantagem grande no processo de ensino-aprendizagem com os alunos.

No quesito gírias, foi perguntado aos docentes de que modo eles acham que as mesmas podem influenciar na formação acadêmica dos alunos. Diante disso, cinco professores responderam que influencia negativamente, como se pode notar nas falas de Victor, Theo e Sabrina, respectivamente: *“Acaba dificultando né, vicia, então você fica com o vocabulário gramaticalmente pobre, com poucos vocábulos, aí acaba dificultando”* (Victor), *“As gírias não*

ajudam em nada, porque gíria em termo de linguagem acadêmica, não é linguagem formal e não é aceita. Em nível formal e acadêmico não ajuda em nada” (Theo) e *“Prejudica e muito, porque eles levam as gírias, a parte informal pra parte formal. Em uma redação você acaba colocando essa informalidade dentro do contexto de uma redação”* (Sabrina). Apenas um docente respondeu positivamente, a exemplo da fala de Álvaro a seguir: *“A gíria, ela traz um aspecto positivo, que eu vejo, porque ela sintetiza toda uma frase muitas vezes, então a gíria pra mim não é dificuldade”*. Portanto, pode-se afirmar que a maioria das pessoas veem a linguagem informal, no caso as gírias, como uma influência negativa na aprendizagem e na formação acadêmica dos alunos e não é aceita academicamente, visto que limita gramaticalmente o vocabulário deles pois os mesmos tornam-se viciados nessa linguagem e não se interessam em aprender palavras novas e falar formalmente, com isso acaba dificultando a formação de pensamentos. Eles usam a linguagem coloquial até nas provas, atividades, trabalhos e redações, e isto é totalmente inadequado para a situação. Na perspectiva de Álvaro, a gíria facilita as ideias que os alunos querem transmitir, esta é apenas uma facilitadora da transmissão da mensagem. Porém, isso poderia se encaixar mais para o dia a dia e não em uma situação formal como avaliações escolares. Como sustenta Ferreira e Lima (2008), sabe-se que isso não é fácil, porém a escola deve conscientizar o aluno de que ele está tendo uma chance de aprender e que o que foi aprendido será cobrado pela sociedade e utilizado também por ele.

Quando perguntados acerca de como os professores acham que o quadro de dificuldades na linguagem pode ser mudado de modo que auxilie os alunos a terem um vocabulário e pensamentos mais amplos, três docentes afirmaram que a ajuda familiar é primordial para essa mudança, a exemplo das falas de Álvaro, Theo e Tadeu, respectivamente: *“Acredito que um dos pontos principais é a questão da família. Então, a família é primordial pra que, se você tem uma família que abre pro debate, tem uma boa leitura, trabalha com diálogos, então o aluno chega aqui em sala de aula com outra cabeça, com outra disposição. [...] A gente tem todo tipo de situação mas eu acredito que a família é primordial. A influência da família”* (Álvaro), *“Eu acho que isso é mais de uma formação cultural prévia, que o aluno traz de casa, e aí a gente pega num contexto onde o brasileiro lê menos do que qualquer outro povo do mundo, às vezes não chega à média de 4 ou 5 livros na vida, e você pega o contexto bastante imediato, no qual a leitura fica em segundo plano”* (Theo) e *“O convívio familiar também é muito importante pra isso. Se tem situações em que pais leem bastante e incentivam os filhos também a ler, isso é muito significativo. Agora quando essa leitura não é incentivada, isso realmente contribui negativamente”* (Tadeu). Duas pessoas afirmaram que a leitura é importante para tal mudança que se faz necessária, como se pode observar nas respostas de

Victor e Sabrina, respectivamente: *“Incentivo à leitura, não vejo outro caminho. Tem que ser estimulados corriqueiramente à ler. O que você lê, você melhora o teu vocabulário, tua capacidade de síntese...”* (Victor) e *“Leitura, muita leitura. Porque a leitura é que é a base de tudo”* (Sabrina). E uma docente afirmou que esse é um papel da escola, como mostra na resposta de Leila a seguir: *“Então assim, a gente faz o que pode pra poder diminuir esse déficit né. Até na questão de produção de texto eles têm muita dificuldade, mas aí eu tô fazendo um trabalho com eles, pra aos poucos eles melhorarem na escrita, porque às vezes eles erram até a estrutura da resposta. Mas aí aos pouquinhos eles vão melhorando isso, porque vão fazendo muito né...”*. Com isso, a base familiar realmente é essencial para que o indivíduo crie um hábito de ler, de questionar e manter um bom diálogo com incentivo dos pais, principalmente, pois desse modo o pensamento e o vocabulário dos alunos vai se expandindo, pois a leitura é a base de tudo. Quando o aluno não cria o hábito de leitura, suas ideias e conhecimentos ficam limitados e isso gera dificuldade em uma produção textual, elaboração de trabalhos e etc. A escola também auxilia bastante o aluno que possui essa dificuldade tanto em ler, quanto escrever, pois há muitos jovens que não sabem estruturar bem as ideias em uma resposta ou produção textual. Quanto mais prática, maior fica o costume de ler e fazer exercícios e isso deve vir previamente dos pais. Segundo Pertoo (2014), outro ponto crucial em relação à linguagem é utilizar termos próprios da disciplina objetivando que os discentes se familiarizem com eles e saiam da escola com o repertório léxico mais amplo do que quando entraram.

4.3.4.2 Compreensão e conhecimento de significados

Quanto a ocorrência de uma boa compreensão por parte dos alunos do que foi dito nas aulas, quatro docentes responderam positivamente, ou seja, eles responderam que os alunos compreendem bem, como é mostrado nas respostas a seguir: *“Sim, sim, é como te falei na questão anterior. A transmissão é bem clara, bem feita, a ponto de gerar discussões”* (Victor) e *“Eu acredito que sim, porque assim, quando eu estou explicando o assunto daquela aula então eu gosto de puxar para o diálogo, para o debate sobre o assunto, eu não apenas falo e eles ficam calados”* (Álvaro). Apenas dois professores responderam positivamente, mas com condições, a exemplo das falas de Theo e Tadeu: *“Eu acredito que sim, de maneira geral... de maneira geral eu acredito que, não só em filosofia mas como em todas as disciplinas, leva-se um certo tempo para que o aluno tenha um, pelo menos, dê um retorno imediato daquilo que a gente passa”* (Theo) e *“Sim, mas existem determinados conteúdos que muitos deles não conseguem compreender, quando são aqueles conteúdos que são mais relacionados com a*

realidade do dia a dia, que eles têm contato até mesmo pelas mídias então esses assuntos são facilmente assimilados pelos alunos. Quando é um conteúdo menos comum, menos divulgado pela mídia aí eles têm um pouco de dificuldade com a compreensão” (Tadeu). Diante das respostas, pode-se notar que a compreensão acontece bem, de modo que os estudantes iniciam debates a respeito dos assuntos abordados, dão suas opiniões e dialogam com o professor, participando das aulas. Mas é claro que eles apresentam mais facilidade quando o tema é mais relacionado com as experiências prévias do cotidiano dos jovens, no qual também é abordado nas mídias, internet e etc. Quando é uma discussão voltada mais para algo que não faz parte da vida deles, a compreensão se dá de forma mais lenta e o feedback ao professor demora um pouco mais a acontecer. Laruccia e Melo (2009) apontam que qualquer modelo, plano ou sistema de ensino-aprendizagem deve sempre considerar a cultura, as experiências prévias e estilos de vida dos adolescentes. Para aprender, o jovem necessita analisar e revisar seus conhecimentos a fim de que os mesmos sejam significativos no processo de aprendizagem.

Ainda nessa temática, foi questionado aos docentes acerca do vocabulário, se boa parte dos alunos consegue ter um bom conhecimento do significado das palavras, dependendo do contexto em que se encontram. Quatro educadores afirmaram que isso não ocorre, a maior parte dos estudantes não consegue ter um bom conhecimento sobre isso, a exemplo das falas de Victor e Tadeu, respectivamente: *“Não, eles têm uma certa dificuldade. Porque assim, a gente percebe que eles não têm muito o hábito de leitura. Então, muitos vocábulos ou muitas palavras são relativamente desconhecidos do cotidiano deles”* (Victor) e *“Não, infelizmente não, questão de vocabulário é uma questão séria. Talvez por uma redução de leituras diversas, de... em algumas situações até por falta de interesse mesmo, o vocabulário deles infelizmente não é o adequado”* (Tadeu). E dois docentes relataram o oposto, ou seja, disseram que os aprendentes conseguem ter um bom conhecimento do significado das palavras, como foi ilustrado nas seguintes respostas de Álvaro e Leila, respectivamente: *“Boa parte, né, mas as palavras, vamos dizer assim, mais antigas, eles não conhecem. Então, existem palavras que eles conhecem e outras não. Boa parte conhecem”* (Álvaro) e *“Sim, sim”* (Leila). Pode-se observar que a maior parte dos docentes concordou que os estudantes não conseguem ter conhecimento de muitas palavras, porém ainda tiveram professores que relataram o contrário. Isso se deve ao fato de que provavelmente existem diferenças entre as disciplinas, ou seja, podem ter matérias em que a maior parte dos alunos saiba mais os significados do que outras. É notório que os estudantes necessitam ler mais e ter mais interesse em aprender para que adquiram novos vocábulos e possam compreender mais as explicações dadas pelos professores. A maior parte está deixando a desejar, eles possuem dificuldades em aprender por não conhecerem o vocabulário

(principalmente o mais antigo) trabalhado nos livros e materiais didáticos. Apesar disso, ainda existem poucos jovens que, por terem um pouco mais de leitura e estudos, conseguem ter um vocabulário mais amplo e com isso, não sentem dificuldades em entender os assuntos.

Para finalizar esse tópico, perguntou-se aos docentes se há um desentendimento do que é pedido nas questões das provas, por parte dos alunos. Três docentes afirmaram que sim, há um desentendimento, a exemplo das falas de Álvaro, Theo e Tadeu a seguir, respectivamente: *“Há um desentendimento sim. Assim, a profundidade de interpretar a questão, muitos não têm essa profundidade, não param para interpretar a questão”* (Álvaro), *“De maneira geral há sim. Eu acredito que parece um abismo pra eles, eu acho que a linguagem que a gente usa nos livros, que é passado nos livros didáticos parece que não é desse universo e entediante, como eles leem pouco, assim, o nível de leitura é bem baixo, eles são mais usuais, eles ficam perdidos nas questões das provas”* (Theo) e *“Infelizmente uma grande parte dos alunos não conseguem compreender. Eles fazem aquela leitura mas a compreensão do que está sendo solicitado ali, infelizmente muitos alunos ainda não conseguem”* (Tadeu). E três docentes responderam negativamente, ou seja, eles não apresentam desentendimento nas questões das provas, como se pode ver nos relatos de Victor, Leila e Sabrina, respectivamente: *“Conseguem, conseguem compreender”* (Victor), *“Assim, conseguem, eles entendem”* (Leila) e *“Não, não. Creio que não, eles compreendem. Já apliquei uma prova e foi tranquilo”* (Sabrina). De acordo com as falas acima, a mesma quantidade de professores que afirmaram que há desentendimento acerca das questões foi a mesma quantidade que respondeu que não há, então houve um empate de opiniões que também deve variar em relação às disciplinas ou docentes. Para quem afirmou que não há desentendimento e no quesito anterior relatou que existem dificuldades na compreensão e no conhecimento de palavras, cometeu uma contradição ao alegar isso. Portanto, a falta de interpretação de texto devido ao não entendimento das questões gera complicações na hora de responder as provas, o que pode ocasionar um desempenho escolar fraco. Como já foi salientado várias vezes anteriormente, a falta de interesse para ler e estudar cria barreiras na aprendizagem. Os que tem interesse, leem e estudam conseguem se sobressair aos demais. Concordando com a visão de Carneiro (1984, p. 13), *“a leitura abre caminho para o enriquecimento intelectual, proporcionando um banho de reflexão e uma manipulação de ideias. É um instrumento insubstituível de atualização e aperfeiçoamento profissional”*.

5 CONSIDERAÇÕES FINAIS

Essa pesquisa possibilitou contribuições de grande relevância no que diz respeito à formação em Psicopedagogia da autora desse artigo, estabelecendo desse modo um enorme conhecimento e aprendizagem acerca do presente tema, além de provocar várias indagações em relação à visão dos estudantes e dos docentes sobre o conflito de linguagens que os envolvem no âmbito escolar, como também relativamente à juventude em uma perspectiva sociocultural. A experiência desse trabalho de conclusão de curso motivou muitos questionamentos que estimulam no aprofundamento de estudos a fim de desenvolver futuras pesquisas na área da psicopedagogia e educação. É importante conhecer e compreender a origem linguística de cada jovem, assim como a fase da adolescência e suas características sociais e culturais para que os profissionais da educação venham a entender os possíveis motivos que causam impasses na relação dos alunos com os professores e vice-versa, objetivando melhorá-la com a finalidade de facilitar e promover a aprendizagem dos discentes.

Os objetivos propostos nessa pesquisa foram todos alcançados, compreendendo e refletindo como se dá a percepção dos professores e dos alunos sobre a relação da linguagem e os processos de aprendizagem no cotidiano escolar a partir de uma perspectiva sociocultural, conhecendo a relação entre eles, vindos do ensino médio de escola pública, bem como entendendo de que forma os possíveis desafios encontrados nas relações entre estudantes e professores interferem na aprendizagem dos jovens e tendo ciência das consequências que o conflito de linguagens no meio institucional pode causar para ambos no ensino-aprendizagem. A contribuição acadêmica para a temática em questão, conscientizando a sociedade acerca das diversas influências na qual a linguagem pode causar aos indivíduos em diferentes posições e a relação com a escola, como também para uma maior ênfase em artigos científicos e estudos na área, no qual se faz necessário, é de grande relevância para o conhecimento dos indivíduos interessados. Como toda pesquisa, esta teve limitações em questão de tempo para produção, visto que foi curto, e referencial teórico, pois sobre esse tema ainda é pouco estudado cientificamente.

Com os dados obtidos nesse estudo, permitiu-se ter um olhar mais aguçado voltado para os desafios e barreiras que podem ser encontrados nas relações entre os alunos e os docentes acerca da compreensão da linguagem. Diante disso, poder encontrar meios de intervenção a fim de que esses impecílios não interfiram nos processos de aprendizagem dos jovens em formação. Desse modo, desenvolve-se uma visão sem preconceitos, respeitando as diferenças individuais de cada um e levando em consideração a origem social/cultural deles para que profissionais, a

exemplo do psicopedagogo, possam diminuir e facilitar o desempenho escolar através da intervenção psicopedagógica junto aos alunos.

ABSTRACT

The general objective of this study was to understand and reflect how the perception of teachers and students on the relationship of language and learning processes in school everyday, from a sociocultural perspective and specifically, to know the relationship between students and teachers of the public school, as well as to understand how the possible challenges encountered in student-teacher relations interfere with their learning. Finally, investigate the consequences that the conflict of languages in the institutional environment can cause for teachers and students in the teaching-learning processes. It can be observed, in a striking way, that the subject has his life completely linked to the socio-cultural environment in which he is inserted. In this environment, it is possible to observe language as a present and indispensable tool for the development of the individual, be it in the ideological, interactive or historical scope. Such movement associated with language involves the human being inside and outside the school environment. Thus, we understand that the identity of the subject is constructed from culture and language. Therefore, in the school context, teachers and students construct such conception starting from the socio-historical-cultural context in which they live. The present study was an exploratory and descriptive research, of transversal nature and the type of field research, which was used of qualitative analyzes. To construct and carry out this research, two semistructured interview scripts were used with a sociodemographic part included, one for the teachers and another for the students. The research had the participation of students and teachers of the high school of a public school. With the data obtained in this study, it was possible to have a sharper look at the challenges and barriers that can be found in the relationships between students and teachers about language comprehension. Given this, we can find means of intervention so that these problems do not interfere in the learning processes of young people in formation.

Keywords: Sociocultural language. Learning difficulties. School daily.

REFERÊNCIAS

BAKHTIN, M. Que és el lenguaje? In: SILVESTRI, Adriana; BLANCK, Guillermo. **Bajtín y Vigotski: la organización semiótica de la consciencia**. Barcelona: Anthropos, 1993b [1929].

_____. **Marxismo e filosofia da linguagem**. 9. ed. São Paulo: Hucitec, 1999 [1928-1930].

BRITO, E. S. A. **Juventude e escola: Um diálogo possível**. Disponível em: <<http://www.emdialogo.uff.br/content/tema-juventude-e-escola-um-dialogo-possivel>>. Acesso em: 09 de março de 2018.

CARNEIRO, M. M. **O progresso da arte de ler - Método dinâmico**. Curitiba-PR, Gráfica Vicentina, 1984.

DAYRELL, J. **A escola “faz” as juventudes? Reflexões em torno da socialização juvenil**. Texto apresentado no Simpósio Internacional “Ciutat.edu: nuevos retos, nuevos compromissos”, realizado em Barcelona, 2006.

FERGUSON, D. M.; HORWOOD, L. J.; LAWTON, J. M. **Vulnerability to childhood problems and family social background**. Journal of Child Psychology and Psychiatry, Cambridge, 1990.

FERREIRA, L. G.; LIMA, D. F. **Linguagem, cultura e educação: concepções**. Disponível em: <<http://fals.com.br/revela/REVELA%20XVII/culturalinguagem.pdf>>. Acesso em: 23 de maio de 2017.

FISCHER, R. M. B. **Foucault e a análise do discurso em educação**. Disponível em: <<http://www.scielo.br/pdf/%0D/cp/n114/a09n114.pdf>>. Acesso em: 05 de abril de 2018.

GEERTZ, C. **A interpretação das culturas**. Rio de Janeiro: Guanabara, 1989.

GUIMARÃES, L. E. **A relação professor/aluno no ensino médio**. Disponível em: <<http://www.uel.br/grupoestudo/gaes/pages/arquivos/LUIZ%20Ernesto%20%20artigo%20GT%2004.pdf>>. Acesso em: 09 de março de 2018.

HART, C. H.; LADD, G. W.; BURLESON, B. R. **Children’s expectations of the outcomes of social strategies: Relations with sociometric status and maternal disciplinary styles**. Child Development, Washington, 1990.

HAYDT, C. R. **Curso de didática geral**. 8ed. São Paulo: Ática, 2006.

KLEIMAN, A. B. **Os significados do Letramento: uma perspectiva sobre a prática social da escrita**. 7. ed. Campinas, SP: Mercado de Letras Edições e Livraria Ltda., 2004.

LARUCCIA, M. M.; MELO, E. M. **A Percepção da linguagem nas relações professor-aluno**. Disponível em: <<https://revistas.pucsp.br/index.php/pensamentorealidade/article/view/7088/5129>>. Acesso em: 09 de março de 2018.

MARTINS, J. C. **Vygotsky e o Papel das Interações Sociais na Sala de Aula: Reconhecer e Desvendar o Mundo.** Ideias, n. 28, São Paulo, 2005.

OLIVEIRA, M. K. **Vigotski: aprendizado e desenvolvimento – um processo sócio-histórico.** São Paulo: Scipione, 1993.

ORLANDI, E. **Discurso e leitura.** 6 ed. Campinas, SP: Cortez. Editora da Universidade Estadual de Campinas, 2001.

PAÍN, S. **Diagnóstico e tratamento dos problemas de aprendizagem.** Porto Alegre: Artes Médicas, 1985.

PERTOO, S. **6 cuidados para uma comunicação eficaz entre professores e alunos.** Disponível em: <<https://www.pertoo.com/blog/6-cuidados-para-uma-comunicacaoeficazentre-professores-e-alunos/>>. Acesso em: 10 de março de 2018.

PINO, A. O conceito de mediação semiótica em Vigotski e seu papel na explicação do psiquismo humano. **Cadernos CEDES - Antropologia e Educação Interfaces do Ensino e da Pesquisa**, Campinas, n. 24, 1991.

SOARES, M. **Linguagem e escola: uma perspectiva social.** 17 ed. São Paulo: Ática, 2002.

TEIXEIRA, I. C. Os professores como sujeitos sócio-culturais In: DAYRELL, J. (Org.). **Múltiplos olhares sobre a educação e a cultura.** Belo Horizonte: Ed. UFMG, 1996.

VIGOTSKI, L. S. **Obras escogidas III.** Moscou: Editorial Pedagógica, 1983.

_____. **A construção do pensamento e da linguagem.** São Paulo: Martins Fontes, 2000.

APÊNDICE I

Entrevista semiestruturada para os professores

1. Como você considera o ensino público da escola em que trabalha?
2. Como docente, quais barreiras comunicativas você acha que atrapalham o ensino-aprendizagem com os alunos?
3. Fale sobre a relação que você tem com os alunos dentro e fora da escola.
4. Você acha que os fatores sociais e culturais que fazem parte do comportamento juvenil dificultam a aprendizagem dos alunos do ensino médio?
5. Em suas aulas, há uma boa compreensão do que foi dito por parte dos alunos? Comente.
6. No quesito vocabulário, boa parte dos alunos consegue ter um bom conhecimento do significado das palavras, dependendo do contexto em que se encontram?
7. De que modo você acha que as gírias podem influenciar na formação acadêmica dos alunos?
8. Há um desentendimento do que é pedido nas questões das provas? Fale sobre isso.
9. Como você acha que este quadro pode ser mudado de modo que auxilie os alunos a terem um vocabulário e pensamentos mais amplos?

Agora, gostaríamos de saber um pouco a seu respeito:

1. Idade: ____ anos
2. Sexo: 1. () Masculino 2. () Feminino
3. Qual a sua formação e o tempo de serviço na escola?
4. Em comparação com as pessoas da sua cidade, você diria que sua família é da (circule):

1	2	3
Classe baixa	Classe média	Classe alta

APÊNDICE II

Entrevista semiestruturada para os alunos

1. O que você acha do ensino público da escola em que estuda?
2. Conte a respeito da relação que você tem com seus professores dentro e fora da escola.
3. Ao apresentar um trabalho ou seminário, você faz uso de uma linguagem mais culta e formal? Fale sobre isso.
4. O contexto sociocultural no qual você vive tem forte influência sobre a linguagem que você usa? Comente.
5. Na sala de aula que você estuda, os alunos (incluindo você) apresentam alguma dificuldade em entender a linguagem que os professores usam? Fale a respeito.
6. De que modo você acha que as gírias podem influenciar na formação acadêmica dos alunos?
7. Como é o seu desempenho nas provas?
8. Você consegue compreender com clareza o que é pedido nas questões?
9. Você mantém uma boa comunicação com seus professores e colegas? Fale um pouco.
10. Como você acha que as dificuldades acerca da linguagem moderna podem ser mudadas de modo que enriqueça o vocabulário e pensamento dos alunos?

Agora, gostaríamos de saber um pouco a seu respeito:

1. Idade: ____ anos
2. Sexo: 1. () Masculino 2. () Feminino
3. Quanto tempo estuda na escola? Teve alguma reprovação?
4. Em comparação com as pessoas da sua cidade, você diria que sua família é da (circule):

1	2	3
Classe baixa	Classe média	Classe alta

ANEXO I

TERMO DE CONSENTIMENTO LIVRE E ESCLARECIDO – TCLE

Esta pesquisa é sobre “A Relação da Linguagem e os Processos de Aprendizagem no Cotidiano Escolar” e está sendo desenvolvida por Amanda Laurentino Rocha, aluna do curso de Psicopedagogia da Universidade Federal da Paraíba, sob orientação da professora doutora Mariana Lins de Oliveira.

O objetivo geral do estudo é compreender e refletir como se dá a percepção dos professores e dos alunos sobre a relação da linguagem e os processos de aprendizagem no cotidiano escolar a partir de uma perspectiva sociocultural e especificamente, conhecer a relação entre alunos e professores do ensino médio de escola pública, bem como compreender de que forma os possíveis desafios encontrados nas relações entre estudantes e professores interferem na aprendizagem daqueles. Por fim, investigar as consequências que o conflito de linguagens no meio institucional pode causar para ambos nos processos de ensino-aprendizagem.

Essa estratégia se mostrou importante pois pode ser base para a análise da contribuição do conhecimento e conscientização da sociedade acerca das diversas influências na qual a linguagem a partir de uma perspectiva sociocultural pode causar aos indivíduos em diferentes posições e a relação que isso tem com a educação nas escolas, bem como ajudar a minimizar as dificuldades de aprendizagem. O tema discutido nesse estudo necessita de uma maior ênfase em artigos científicos, estudos e debates à respeito da linguagem como fator histórico, social e cultural atrelada à educação nas escolas. Tais intenções justificam as relevâncias social e científica acadêmica da pesquisa.

Solicita-se a sua colaboração para responder oralmente uma entrevista (com duração média de 15 minutos), como também a sua autorização para apresentar os resultados deste estudo em eventos das áreas de educação/humanas e publicar em revistas científicas. Por ocasião da publicação dos resultados, seu nome será mantido em sigilo. Informa-se que essa pesquisa não oferece riscos previsíveis para a saúde dos participantes.

Fica esclarecido que a sua participação no estudo é voluntária e, portanto, o (a) senhor (a) não é obrigado (a) a fornecer as informações e/ou colaborar com as atividades solicitadas pelo pesquisador (a). Caso decida não participar do estudo ou resolver a qualquer momento desistir do mesmo, não sofrerá nenhum dano, nem haverá modificação na assistência que vem recebendo na instituição. O (a) pesquisador (a) estará à sua disposição para qualquer esclarecimento que considere necessário em qualquer etapa da pesquisa.

Diante do exposto, declaro que fui devidamente esclarecido (a) e dou meu consentimento para participar da pesquisa e para a publicação dos resultados. Estou ciente que recebi uma cópia desse documento.

João Pessoa, ____ de _____ de 2018.

Assinatura do diretor (a) da Instituição

Assinatura do participante da pesquisa

Assinatura do pesquisador (a)

Contato com o (a) pesquisador (a) responsável:

E-mail: amandammdt14@gmail.com / amandammdt@yahoo.com.br.

Caso necessite de maiores informações sobre o presente estudo, favor ligar para o (a) pesquisador (a) Amanda Laurentino Rocha, telefone: 999578412 ou 991237325.